

assassin's creed união

oliver bowden

Tradução de João Félix



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Excerto do Diário
de Arno Dorian*

12 DE SETEMBRO DE 1794

O seu diário jaz na minha secretária, aberto na primeira página. Foi tudo o que consegui ler antes de um maremoto de emoções me deixar sem fôlego, manchando o texto com as lágrimas diamantinas que me corriam pela face enquanto a lembrava: uma criança endiabrada a brincar às escondidas tornada numa adulta impetuosa que conheci e amei, com cabelos vermelhos caindo sobre os ombros e olhos intensos debaixo de pestanas negras e lustrosas. Tinha o equilíbrio de uma dançarina experiente e de um mestre espadachim. Sentia-se tão à vontade a deslizar pelo salão de um palácio, sob o olhar luxurioso de todos os homens, como num combate.

Mas aqueles olhos escondiam segredos. Segredos que eu estava prestes a descobrir. Voltei a pegar no seu diário, pondo a palma da mão e as pontas dos dedos na folha, acariciando as palavras, sentindo que nesta página estava escrita parte da sua própria alma.

Comecei a ler.

*Excertos do Diário
de Élise de la Serre*

9 DE ABRIL DE 1778

i.

O meu nome é Élise de la Serre. Tenho dez anos. O meu pai chama-se François, a minha mãe Júlia. Vivemos em Versalhes: a linda e brilhante Versalhes, onde edificios aprumados e enormes *châteaux* vivem à sombra do grande palácio, com as suas avenidas de limeiras, lagos resplandecentes e fontes, e os seus jardins requintadamente cuidados.

Somos nobres. Os sortudos. Os privilegiados. Para provar, basta fazermos o percurso de quinze milhas até Paris. A estrada é iluminada por candeiros a óleo pendentes, porque usamos esse tipo de coisas em Versalhes, mas em Paris os pobres usam velas de sebo e o fumo das fábricas paira sobre a cidade como um véu mortal, encardindo a pele e asfixiando os pulmões. Vestindo trapos, com as costas curvadas, tanto devido aos fardos físicos como ao sofrimento mental, os pobres de Paris rastejam pelas ruas que nunca parecem ter luz. Ruas com fossas correndo a céu aberto, onde a lama e os resíduos humanos deslizam livremente, cobrindo as pernas daqueles que transportam as nossas liteiras enquanto passamos, espreitando pelas janelas com olhares esbugalhados.

Mais tarde, regressamos a Versalhes nas carruagens douradas, passando por figuras veladas como fantasmas a vaguearem pelos campos. Esses camponeses descalços cultivam as terras dos nobres e passam fome se a colheita for má, sendo praticamente escravos dos latifundiários. Em casa, escuto as histórias que os meus pais contam sobre eles terem de atirar paus aos sapos para impedir que o seu coaxar acorde os seus senhores, e de comerem erva

para sobreviver. Entretanto, os nobres prosperam, isentos de pagar impostos, dispensados de cumprir serviço militar e poupados à indignidade do *corvé*, o dia de trabalho não remunerado a trabalhar nas estradas.

Os meus pais dizem que a rainha Maria Antonieta vagueia pelos corredores, salões de baile e vestíbulos do palácio inventando novas formas de gastar a sua pensão de vestiário enquanto o seu marido, o rei Luís XVI, se recosta na sua Cama de Justiça, promulgando leis que enriquecem os nobres às custas dos pobres e esfomeados. Dizem que estas ações podem fomentar uma revolução.

ii.

Há uma expressão para descrever o momento em que subitamente compreendemos algo. É o momento em que “cai o véu”.

Sendo apenas uma criança, nunca me ocorreu perguntar porque aprendia História em vez de etiqueta, maneiras e postura; nunca perguntei à mãe a razão de ela acompanhar o meu pai e os Corvos após o jantar, discordando em voz alta com tanta convicção como eles; nunca me perguntei por que razão ela não montava de lado nem precisava de um moço de estrebaria para lhe aquietar a montada, e também nunca me perguntei por que razão a mãe dedicava tão pouco tempo à moda ou aos mexericos da corte. Nunca me perguntei por que razão a minha mãe não era como as outras mães.

Pelo menos até cair o véu.

iii.

Ela era linda, claro, e estava sempre bem vestida, embora não tivesse disposição para os adornos envergados pelas mulheres na corte, de quem falava de modo desaprovador, franzindo o cenho. Segundo ela, estavam obcecadas com a imagem e o estatuto, com *coisas*.

— Não reconheceriam uma ideia se esta lhes batesse na cara, Élise. Promete-me que nunca serás como elas.

Intrigada, querendo saber mais acerca de como não deveria ser, usei o lugar estratégico da borda das saias da mãe para espiar estas mulheres odiosas. O que vi foram mexeriqueiras com excesso de maquilhagem devotas aos maridos mesmo quando os olhos perscrutavam a divisão à procura de atrair amantes insuspeitos. Invisível, eu tinha vislumbres por detrás da maquilhagem delas, quando o riso sarcástico lhes secava nos lábios e o es-

cárnio lhes morria nos olhos. Via-as como realmente eram, amedrontadas. Com medo de cair em desgraça. Com medo de descer um degrau na escala social.

A mãe não era como elas. Por um lado, não podia estar menos interessada em mexericos. Nunca a vi com um admirador, e odiava maquilhagem, não tinha tempo para pontos negros a carvão e pele de alabastro, sendo o calçado a sua única concessão à moda. Só atentava à sua postura por uma única razão: para manter o decoro.

E era absolutamente devota ao meu pai. Mantinha-se a seu lado — e nunca atrás —, apoiava-o e era-lhe inabalavelmente leal. O meu pai tem conselheiros, os senhores Chretien Lafrenière, Louis-Michel Le Peletier, Charles Gabriel Sivert e a Madame Levesque. Com os seus longos casacos negros, chapéus de feltro e olhos que nunca sorriam, eu chamava-lhes os Corvos e ouvi com frequência a mãe a defender o pai à frente deles, apoiando-o sem reservas, apesar do que lhe dissesse à porta fechada.

Todavia, há já muito tempo que não a oiço a discutir com o meu pai.

Dizem que podem morrer esta noite.

10 DE ABRIL DE 1778

i.

Ela sobreviveu a esta noite.

Sentei-me à beira do seu leito, peguei na sua mão e falei com ela. Por momentos, sucumbi à ilusão de que a confortava, até que virou a cabeça e olhou para mim com os olhos leitosos mas que me viam a alma, e o oposto se tornou evidente.

Olhei esporadicamente para Arno através da janela durante a última noite, invejando a ignorância que tinha da dor que se desenrolava apenas a alguns metros de distância. Ele sabe que ela está doente, claro, mas estar moribundo é um lugar-comum e a morte às mãos dos médicos é uma ocorrência diária, mesmo aqui em Versalhes. E ele não é um de la Serre. É o nosso protegido, e embora seja conivente com os nossos segredos mais negros e mais profundos, não sente a nossa angústia. Também nunca conheceu outra situação. Para Arno, a minha mãe é uma figura remota de quem cuidavam nos pisos superiores do *château*; para ele, a doença era o que a definia.

Eu e o meu pai, pelo contrário, partilhamos o nosso turbilhão interior através de olhares escondidos. Exteriorizamos a nossa dor como se esta fosse normal, sendo o luto mitigado por dois anos de um soturno diagnóstico. O nosso pesar era outro dos segredos que escondíamos do nosso protegido.

ii.

Aproxima-se o momento em que o véu cai em definitivo. Lembrando o

primeiro incidente, a primeira vez em que comecei a questionar-me acerca dos meus pais, especialmente da minha mãe, imaginei-o como um sinal no percurso em direção ao meu destino.

Foi no convento. Tinha apenas cinco anos quando lá entrei pela primeira vez, estando as minhas memórias acerca disso longe de completamente formadas. São apenas impressões, na verdade: longas filas de camas; a memória distinta mas relativamente desconexa de olhar pela janela rodeada de gelo e ver as copas das árvores a erguerem-se sobre as ondulantes orlas de nevoeiro; e... a madre superiora.

Corcovada e amarga, a madre superiora era conhecida pela sua crueldade. Vagueava pelos corredores do convento com a bengala nas mãos como se a fosse apresentar num banquete. No seu escritório, costumava estar atrás da sua secretária. Na altura, referíamos-nos ao evento como sendo “a tua vez”, e por uns tempos foi a minha vez, quando ela detestava as minhas tentativas de demonstrar felicidade, ressentida pelo facto de eu ser propensa ao riso, chamando de afetado o meu sorriso de felicidade. A bengala, dizia ela, trataria de me retirar esse sorriso da cara.

A madre superiora tinha razão quanto a isso. Por uns tempos, limpou-me o sorriso da cara.

Então um dia a mãe e o pai chegaram para falar com a madre superiora, sem que eu fizesse a mínima ideia da razão, e fui chamada ao escritório a pedido dos meus pais. Eles já lá estavam e viraram-se nas cadeiras para me receber, com a madre superiora atrás da sua secretária, exibindo o habitual esgar de indisfarçável desprezo, um juízo franco dos meus muitos defeitos a aflorar-lhe aos lábios.

Se tivesse sido apenas a mãe a visitar-me, não me teria comportado de modo tão formal. Teria corrido para ela, esperançada de me esconder noutro mundo por debaixo das suas saias, para longe daquele sítio horrível. Mas tinham vindo ambos, e o meu pai era o meu rei. Era ele quem ditava que tipo de conduta nos governava; fora ele quem insistira que eu fosse colocada num convento em primeiro lugar. Por isso aproximei-me, fiz uma ligeira vénia e esperei que me dirigissem a palavra.

A mãe pegou na minha mão. Não faço ideia de como conseguiu ver o seu estado, já que estava ao meu lado mas, de algum modo, tinha conseguido vislumbrar as marcas deixadas pela bengala.

— O que é isto? — perguntou à madre superiora, segurando na minha mão.

Nunca tinha visto a minha mãe perder a compostura. Mas posso dizer que, naquele momento, empalideceu. Num instante, abandonou o comportamento de propriedade e cortesia esperado de uma convidada da madre superiora e transformou-se num instrumento de potencial fúria. Todos o sentimos. A madre superiora sentiu-o mais do que nós. Pareceu ligeiramente abalada.

— Como estava a dizer, a Élise é uma rapariga obstinada e desordeira.

— E por causa disso leva com a bengala? — perguntou a minha mãe, com a raiva a crescer.

A madre superiora encolheu os ombros.

— Como é que estava à espera que eu mantivesse a ordem?

A mãe agarrou na cana.

— Eu estava à espera que conseguísseis *manter* a ordem. Achais que isto vos torna forte?

Bateu com a bengala na mesa. A madre superiora sobressaltou-se e engoliu em seco, virando o olhar para o meu pai, que mantinha uma postura estranha, inexpressiva, impossível de decifrar, como se os eventos atuais não requeressem a sua participação.

— Se assim é, estais extremamente equivocada — acrescentou a mãe.

— Torna-vos fraca.

Levantou-se, olhando intensamente para a madre superiora, e fez com que ela se sobressaltasse novamente quando pousou violentamente a bengala na secretária.

— Vamos, Élise.

Partimos, e desde aí que tenho tido tutores para me ensinar a matéria escolar.

Apercebi-me de uma coisa enquanto nos apressávamos a sair do convento. Enquanto a mãe e o pai se eriçavam com as palavras por dizer, eu percebi que a minha mãe não se portara como uma dama. Pelo menos como uma dama normal.

Tive outra pista. Passou-se há cerca de um ano, numa festa de aniversário de uma rapariga mimada de um *château* vizinho. As raparigas da minha idade brincavam com bonecas, preparando-as para beber chá, o chá das bonecas, onde não havia chá ou bolos verdadeiros, apenas meninas que fingiam alimentar as bonecas com chá e bolos, o que até a mim parecia estúpido.

Não muito longe, os rapazes brincavam com soldadinhos de chumbo,

por isso juntei-me a eles, ignorando o silêncio escandalizado que caiu sobre a festividade.

Ruth, a minha ama, arrastou-me dali.

— Tu brincas com bonecas, Élise — disse, com firmeza mas nervosamente, com os olhos fugidios sob o olhar desaprovador das outras amas. Fiz o que me foi dito, sentando-me e fingindo-me interessada no chá faz-de-conta; finda a embaraçosa interrupção, tudo voltou ao seu estado natural: os rapazes a brincarem com soldados e as raparigas com bonecas, sob o olhar atento das amas e perto da tagarelice das mães, damas de famílias da classe alta que mexericavam sentadas em cadeiras de jardim de ferro forjado.

Olhei para elas e vi-as com os olhos da minha mãe. Vi o meu próprio percurso desde a rapariga sentada na relva até uma dama tagarela, e num súbito acesso de certeza absoluta apercebi-me de que não queria isso para mim. Não queria ser como aquelas mães. Queria ser como a minha mãe, que se afastara da tagarelice e se mantinha à distância, sozinha, à beira da água, exibindo a sua individualidade aos olhos de todos.

iii.

Recebi um bilhete do Sr. Weatherall. Escrito no seu inglês nativo, diz-me que deseja ver a mãe e pede-me que vá ter com ele à biblioteca à meia-noite para o escoltar até ao seu quarto. Insiste que não avise o meu pai.

Mais um segredo que tenho de calar. Às vezes sinto-me como um daqueles desgraçados que vemos em Paris, curvada sob o peso das expetativas que depositam em mim.

Tenho apenas dez anos.

11 DE ABRIL DE 1778

i.

À meia-noite, vesti o roupão, acendi uma vela e desci silenciosamente as escadas até à biblioteca onde esperei pelo Sr. Weatherall.

Ele entrara sub-repticiamente no *château*, movendo-se como um fantasma, sem alertar os cães, e introduziu-se tão silenciosamente na biblioteca que mal ouvi a porta a abrir e a fechar. Atravessou a divisão em grandes passadas, arrancou a peruca da cabeça — aquela coisa maldita, como ele a odiava — e segurou-me pelos ombros.

— Dizem que ela está a enfraquecer rapidamente — disse ele, desejando que fosse apenas um rumor.

— É verdade — confirmei, baixando o olhar.

Fechou os olhos e, ainda que não fosse velho de todo — estava nos quarentas, um pouco mais velho do que a mãe e o pai —, os anos estavam-lhe gravados na face.

— O Sr. Weatherall e eu já fomos muito próximos — dissera a mãe numa ocasião, sorrindo. Julgo que até corou.

ii.

Estava um dia gelado no mês de fevereiro quando conheci o Sr. Weatherall. O inverno tinha sido o primeiro dos invernos verdadeiramente cruéis, mas enquanto em Paris o rio Sena tinha transbordado e congelado, com os pobres a morrerem nas ruas, as coisas eram muito diferentes em Versalhes. Quando acordámos, a criadagem já tinha ateado os fogos que ardiam nas lareiras, e

tomámos um pequeno-almoço fumegante embrulhados em peles, com as mãos aquecidas por luvas enquanto dávamos passeios matinais e vespertinos pelas imediações.

Naquele dia em particular o Sol brilhava, embora nada fizesse para afastar o frio de gelar os ossos. Uma camada de gelo reluzia resplandecente sob uma camada compacta de neve tão dura que o *Scratch*, o nosso lebrél irlandês, conseguia atravessá-la sem afundar as patas. Deu umas passadas hesitantes e, apercebendo-se da sua boa fortuna, latiu de prazer e desatou a correr, enquanto eu e a mãe caminhávamos até às árvores no perímetro do relvado sul.

Segurando a mão dela, olhei por cima do ombro enquanto andávamos. O nosso *château* resplandecia ao longe, refletindo a luz do Sol e da neve, as janelas cintilando, e então, enquanto nos abrigávamos na sombra das árvores, tornou-se indistinto, como se pintado a carvão. Apercebi-me de que nos tínhamos afastado mais do que o habitual, longe do alcance do seu abrigo.

— Não te assustes se vires um cavalheiro nas sombras — disse a mãe, curvando-se ligeiramente. Falava calmamente; eu apertei-lhe a mão um pouco mais com a mera possibilidade, e ela riu-se. — A nossa presença aqui não é uma coincidência.

Tinha seis anos na altura, e não fazia ideia que uma dama que se encontrasse com um homem em tais circunstâncias poderia ter outras implicações. Tanto quanto sabia, era apenas um encontro inocente, tão relevante como se falasse com Emanuel, o nosso jardineiro, ou passasse o tempo com Jean, o nosso cocheiro.

O frio intenso confere uma certa quietude ao mundo. As árvores estavam ainda mais tranquilas do que a relva coberta de neve e demos por nós absorvidas por uma paz absoluta enquanto tomávamos um caminho estreito pelo bosque adentro.

— O Sr. Weatherall gosta de fazer um jogo — disse-me a mãe, em voz baixa, como se honrando o silêncio. — Ele pode querer surpreender-nos e devemos estar sempre atentas a eventuais surpresas, tendo em conta a nossa localização. Vês aquele rasto?

A neve estava intocada à nossa volta.

— Não, mãezinha.

— Ainda bem. Assim podemos estar seguras da nossa zona de busca. Bom, onde se poderá esconder um homem com estas condições?

— Atrás de uma árvore?

— Sim, claro... mas que tal ali? — Ela indicava a copa das árvores, enquanto eu esticava o pescoço para olhar para a panóplia de ramos que se projetava acima de nós, com o gelo a brilhar devido ao sol que os atravessava.

— Vê sempre em todo o lado. — A mãe sorriu. — Usa os olhos para ver, e não inclines a cabeça sempre que possível. Não mostres aos outros para onde estás a olhar. Terás inimigos na tua vida e eles irão tentar descobrir pistas que lhes revelem as tuas intenções. Mantém vantagem sobre eles ao deixá-los na ignorância.

— O nosso visitante estará no topo de uma árvore, mãezinha? — perguntei.

Ela abafou o riso.

— Não. De facto, já o encontrei. E tu, Élise?

Parámos. Olhei para as árvores à nossa frente.

— Não, mãezinha.

— Mostra-te, Freddie — disse a mãe, e logo um homem de barba grisalha saiu de trás de uma árvore a alguns metros de onde nos encontrávamos, tirou o tricórnio e fez uma vénia exagerada.

Os homens de Versalhes comportavam-se de determinada maneira. Olhavam sobranceiramente para aqueles que não eram como eles. Tinham aquilo a que eu chamava de “sorrisos de Versalhes”, a meio caminho entre o divertido e o aborrecido, como se constantemente prestes a lançar um gracejo espirituoso que, aparentemente, se aplicaria a todos os homens de bem.

Este não era um homem de Versalhes; a própria barba o revelava. E, embora sorrisse, não era um sorriso de Versalhes; era o sorriso afável mas sério de um homem que pensava antes de falar e só falava quando era pertinente.

— Vi a tua sombra, Freddie. — A mãe sorriu quando ele avançou e lhe beijou a mão estendida, fazendo o mesmo à minha, com outra vénia.

— A minha sombra? — disse ele, com uma voz amigável e sonora mas inculta, a voz de um marinheiro ou de um soldado. — Oh, raios, devo estar a perder o jeito.

— Espero que não, Freddie — gracejou a mãe. — Élise, apresento-te o Sr. Weatherall, que é inglês. Um associado meu. Freddie, esta é a Élise.

Um associado? Como os Corvos? Não, ele não era nada como eles. Em

vez de olhar fixamente para mim, pegou-me na mão, fazendo uma vénia, e beijou-a.

— Encantado, *mademoiselle* — disse numa voz grossa, com o sotaque inglês a dilacerar a palavra “*mademoiselle*” numa maneira que não pude deixar de considerar encantadora.

A mãe olhou para mim com seriedade.

— O Sr. Weatherall é o nosso confidente e protetor, Élise. Um homem a quem podes sempre recorrer se precisares de ajuda.

Olhei para ela, sentindo-me um pouco sobressaltada.

— E o pai?

— O pai ama-nos muito às duas e daria de bom grado a vida por nós, mas homens com a importância do teu pai não podem ser perturbados por responsabilidades domésticas. É por isso que temos o Sr. Weatherall, Élise, para que o teu pai não precise de ser perturbado por assuntos relativos às suas mulheres. — Adotou uma expressão ainda mais séria. — O teu pai não precisa de ser sobrecarregado com isto, percebes, Élise?

— Sim, mãezinha.

O Sr. Weatherall concordou com um aceno.

— Estou aqui para vos servir, *mademoiselle* — disse ele.

— Obrigado, *monsieur* — respondi, fazendo uma vénia.

O *Scratch* tinha chegado e recebeu o Sr. Weatherall com excitação, sendo evidente que se tratava de velhos amigos.

— Podemos falar, Julie? — perguntou o protetor, voltando a colocar o tricórnio e acenando para que ambos dessem um passeio.

Eu permaneci uns passos atrás, ouvindo breves trechos e fragmentos desconexos da sua conversa em voz baixa. As palavras “Grão-Mestre” e “Rei” foram utilizadas, mas eram só palavras como as que eu estava habituada a ouvir no *château*. Apenas nos anos seguintes essas palavras ganharam uma maior ressonância.

E depois aconteceu.

Olhando para trás, não me consigo lembrar da sequência dos eventos. Lembro-me de ver a mãe e o Sr. Weatherall ficarem tensos enquanto o *Scratch* se eriçava e rosnava. Depois a minha mãe rodou sobre os calcanhares. Olhei para onde o seu olhar se fixava e vi-o: um lobo no mato à minha esquerda, preto e cinzento, absolutamente estático entre as árvores, mirando-me com um olhar esfomeado.

Algo surgiu do regalo da mãe, uma lâmina de prata, e em duas gran-

des e rápidas passadas colocou-se à minha frente, agarrou-me e puxou-me para trás de si, enquanto eu lhe segurava as saias e ela enfrentava o lobo, de lâmina em punho.

Entre nós e o lobo, o Sr. Weatherall dominava um eriçado e alarmado *Scratch* pelo pescoço, enquanto a outra mão segurava o punho da espada pendurada no seu flanco.

— Espera — ordenou a mãe. Uma mão erguida fez com que o Sr. Weatherall parasse. — Não me parece que este lobo vá atacar.

— Não tenho a certeza, Julie — avisou o Sr. Weatherall. — Parece-me ser um lobo particularmente esfomeado.

O lobo olhava fixamente para a minha mãe. Ela devolvia-lhe o olhar, falando connosco ao mesmo tempo.

— Não há nada para comer nas colinas; foi o desespero que o trouxe até às nossas terras. Mas acho que este lobo sabe que, ao atacar-nos, torna-nos seus inimigos. Será melhor que recue face à força implacável e vá em busca de alimento noutra sítio qualquer.

O Sr. Weatherall soltou uma risada.

— Porque me parece cheirar por aí uma parábola?

— Porque há por aqui uma parábola, Freddie — gracejou a mãe em resposta.

O lobo continuou a olhar fixamente para a mãe até que, por fim, baixou a cabeça, virou-se e afastou-se parcimoniosamente. Vimo-lo a desaparecer por entre as árvores e a minha mãe baixou a guarda, voltando a esconder a lâmina no seu regalo.

Olhei para o Sr. Weatherall. Tinha voltado a abotoar o casaco e não havia sinal da sua espada.

E eu fiquei cada vez mais perto da queda do véu.

iii.

Levei o Sr. Weatherall até ao quarto da mãe e ele pediu-me para se encontrar com ela em privado, assegurando-me de que conseguiria sair dali sozinho. Curiosa, espreitei pelo buraco da fechadura e vi-o sentar-se junto a ela, pegar-lhe na mão e inclinar a cabeça. Momentos depois, pareceu-me ouvi-lo a chorar.

12 DE ABRIL DE 1778

i.

Contemplo a vista da minha janela, lembrando o verão passado e os momentos de brincadeira com Arno, quando esquecia as minhas preocupações e desfrutava de dias felizes em que era novamente uma criança, correndo com ele pelo labirinto de sebes nos terrenos do palácio, disputando a sobremesa, pouco sabendo que a pausa nas preocupações seria apenas temporária.

Todas as manhãs cravo as unhas nas palmas das mãos e pergunto se ela está acordada, quando Ruth sabe que, na realidade, quero perguntar se ela está viva, e me assegura que a mãe sobreviveu a mais uma noite.

Mas já não deve faltar muito.

ii.

Chegamos então ao momento em que o véu cai. Estamos quase lá. Mas primeiro, outro sinal.

Os Carroll chegaram na primavera do ano em que conheci o Sr. Weatherall. E foi uma bela primavera. A neve tinha derretido, revelando uns luxuriosos tapetes de relva aparados, revertendo Versalhes ao seu estado natural de perfeição imaculada. Rodeados pelas sebes imaculadamente aparadas dos nossos terrenos, mal ouvíamos o zumbido da cidade, enquanto à nossa esquerda se viam as escadarias do palácio, largos degraus de pedra que conduziam às colunas da sua vasta fachada. Um esplendor adequado para receber os Carroll de Mayfair, Londres, Inglaterra. O Sr. Carroll e o

pai passaram horas a conversar no seu gabinete, aparentemente absorvidos pela conversa, e eram visitados ocasionalmente pelos Corvos, enquanto a mãe e eu tínhamos como tarefa o entretenimento da Sra. Carroll e da sua filha May, que não perdeu tempo em informar-me de que tinha dez anos e eu apenas seis, o que a tornava muito melhor do que eu.

Convidámo-las para um passeio e agasalhámo-nos para nos protegermos de um certo frio matinal que logo seria aquecido pelo sol: a mãe, eu, a Sra. Carroll e May.

A mãe e a Sra. Carroll caminhavam alguns passos à nossa frente. Reparei que a mãe usava o seu regalo, e perguntei-me se nele estaria escondida a lâmina. Tinha-a inquirido acerca dela, claro, depois do incidente com o lobo.

— Mãe, porque tens uma faca escondida no teu regalo?

— Por causa de eventuais ameaças de lobos transviados, é claro, Élise — e, com um sorriso forçado, acrescentou —, lobos de quatro e de duas patas. E, de qualquer modo, a lâmina mantém o regalo direito.

Depois, como se estava a tornar habitual, fez-me prometer que esta era uma das nossas *vérités cachées*.

O Sr. Weatherall era uma *vérité cachée*. O que queria dizer que quando o Sr. Weatherall me dava uma lição de esgrima, isso também se tornava uma *vérité cachée*.

Segredos, qualquer que seja a expressão que utilizemos, serão sempre segredos.

May e eu caminhávamos a uma distância adequada das nossas mães. A borda das nossas saias penteava o relvado pelo que, à distância, podia parecer que deslizávamos pelos jardins, quatro damas numa caminhada perfeita.

— Que idade tens, fedorenta? — sussurrou May, embora, como já disse, ela já soubesse a resposta à pergunta que tinha feito. Pela terceira vez.

— Não me chames fedorenta — disse eu, empertigadamente.

— Desculpa, fedorenta. Mas diz-me outra vez qual é a tua idade.

— Tenho seis anos — disse-lhe.

Ela riu à socapa, condescendente, como se ela própria nunca tivesse tido seis anos.

— Bom, eu tenho dez — disse, com altivez (de facto, May Carroll dizia tudo com altivez e, a não ser que eu dê indicação em contrário, assumam que ela o faz).

— Já sei que tens dez anos — silvei, sonhando com a ideia de estender o pé e vê-la estatelar-se na gravilha do caminho.

— É só para não esqueceres — disse ela, e imaginei os pedaços de gravilha colados à cara dela enquanto se levantava, berrando, do chão. O que foi que o Sr. Weatherall me tinha dito? Quanto maiores são, maior é a queda.

(Agora que já tenho dez anos, será que sou arrogante como ela? Será que a minha voz tem aquele tom zombeteiro quando falo com aqueles de idade ou estatuto inferiores ao meu? Segundo o Sr. Weatherall, tenho excesso de confiança, o que me parece ser uma forma educada de me chamar arrogante, e talvez tenha sido por isso que eu e a May não nos tenhamos dado bem, porque, lá bem no fundo, éramos muito parecidas.)

Enquanto percorríamos os terrenos da propriedade, as palavras faladas pelas senhoras à nossa frente chegavam-nos aos ouvidos. A Sra. Carroll dizia:

— Obviamente, preocupa-nos o rumo que a vossa Ordem parece de-sejar percorrer.

— Preocupa-vos? — perguntou a mãe.

— Certamente. Preocupam-nos as intenções dos associados do vosso marido. E ambas sabemos que é nosso dever garantir que os nossos maridos fazem o que é correto. Talvez o vosso marido, se não for muita ousadia minha, esteja a permitir que certas fações ditem as suas próprias políticas?

— De facto, há membros altamente graduados que defendem, digamos, medidas mais extremas no que concerne às mudanças na velha Ordem.

— Em Inglaterra, isso preocupa-nos.

A mãe soltou uma risada plena de ironia.

— É claro que vos preocupa. Em Inglaterra, recusam-se a aceitar qualquer tipo de mudança.

A Sra. Carroll estacou.

— Não, de todo. Falta subtileza à vossa leitura do nosso carácter nacional. Mas começo a perceber onde deposita a sua lealdade, Madame de la Serre. Estais a favor de uma mudança?

— Se for uma mudança para melhor.

— Devo então reportar que a vossa lealdade vai para os conselheiros do vosso marido? Será que a minha demanda foi em vão?

— Nem por isso, *madame*. É reconfortante saber que desfruto do apoio

dos meus colegas ingleses no que concerne à oposição da tomada de medidas drásticas. Mas não posso dizer que partilho do vosso objetivo final. Embora seja verdade que há forças a pressionar para uma revolução violenta, e embora seja verdade que o meu marido acredita na ideia de um monarca nomeado por Deus, que os seus planos para o futuro não contemplam qualquer mudança... Eu traço uma linha intermédia. Uma terceira via, se quiserdes. Talvez não vos surpreenda saber que me considero a mais moderada dos três.

Caminharam mais alguns passos, a Sra. Carroll acenando com a cabeça, em reflexão.

Perante o silêncio, a minha mãe prosseguiu.

— Lamento se não julgais que os nossos objetivos estão alinhados, Sra. Carroll. As minhas desculpas se isso me torna uma confidente pouco confiável.

A outra mulher meneava a cabeça.

— Estou a ver. Bom, na vossa posição, Madame de la Serre, usaria a minha influência perante as duas facções e proporia essa linha intermédia.

— Não gostaria de elaborar acerca desse assunto, mas garanto-vos que a vossa viagem não foi em vão. O meu respeito por vós e pela vossa filial da Ordem permanece tão firme como espero que seja o vosso respeito por nós. Podeis confiar em mim para duas coisas: primeiro, que agirei de acordo com os meus próprios princípios; e depois, não permitirei que o meu marido seja manipulado pelos seus conselheiros.

— Então tenho de vós aquilo que queria.

— Muito bem. Espero que sirva de algum consolo.

Atrás dela, May inclinou-se na minha direção.

— Os teus pais falaram-te do teu destino?

— Não. O que queres dizer com “destino”?

Ela pôs a mão sobre a boca, fingindo que tinha falado de mais.

— Talvez o façam quando tiveres dez anos. Como fizeram comigo. A propósito, quantos anos tens?

— Seis anos. — Suspirei.

— Bom, talvez to digam quando tiveres dez anos, como eu.

Sucedeu, claro, que a mão dos meus pais foi forçada e tiveram de me revelar o meu “destino” muito mais cedo, porque dois meses mais tarde, no outono de 1775, quando tinha acabado de fazer oito anos, eu e a mãe fomos comprar sapatos.

iii.

Além do *château* em Versalhes, tínhamos uma moradia de tamanho considerável na cidade e, sempre que lá estávamos, a mãe gostava de ir às compras.

Como disse, ela olhava com desdém para a maioria das modas, detestando os admiradores e as perucas, mantendo a conformidade com o mínimo de extravagância possível nas suas vestes, mas havia uma coisa em que ela era melindrosa.

Sapatos. Adorava sapatos. Comprava pares de sapatos de seda no Christian, em Paris, onde íamos, com a regularidade de um relógio suíço, de duas em duas semanas, porque essa era a sua única extravagância, dizia, e também a minha, pois trazíamos sempre um par para mim.

O Christian situava-se numa das ruas mais salubres de Paris, longe da nossa moradia na Ilha de Saint-Louis. Ainda assim, tudo é relativo e eu dei por mim a sustar a respiração enquanto nos conduziam do interior confortável e fragante da nossa carruagem até à rua barulhenta e movimentada onde o som de berros e cascos de cavalos num permanente corrúpio de carruagens eram uma constante. O som de Paris.

Acima de nós, mulheres inclinavam-se nas janelas de braços cruzados, observando o mundo que continuava a girar. Ao longo da rua havia tendas onde se vendia fruta e tecido, carrinhos com pilhas de mercadorias manuseadas por homens e mulheres de avental aos gritos e que imediatamente se dirigiram a nós.

— *Madame! Mademoiselle!*

Os meus olhos foram atraídos para as sombras nas extremidades da rua, onde se viam faces inexpressivas na obscuridade, e pareceu-me ver fome e desespero naqueles olhos que nos observavam acusadoramente, esfomeados.

— Vamos, Élise — disse a mãe, e eu levantei as saias como ela fez e avancei delicadamente sobre a lama e os excrementos debaixo dos nossos pés, sendo conduzidos para dentro pelo proprietário, Christian.

A porta fechou-se com um estrondo depois de entrarmos, ignorando o mundo lá fora. Um jovem lojeiro limpou-nos os pés com uma toalha e, um momento depois, era como se não tivéssemos feito aquela travessia perigosa, aqueles escassos metros entre a nossa carruagem e a porta de uma das mais exclusivas sapatarias de Paris.

Christian usava uma peruca branca atada num rabo de cavalo com uma fita preta, uma sobrecasaca e calções brancos pelos joelhos. Era o perfeito meio-nobre, meio-lacaio, e era assim que se via na hierarquia social. Gostava de dizer que tinha o poder de fazer as mulheres sentirem-se belas, que era o maior poder que um homem podia possuir. Mesmo assim, a mãe permanecia um enigma para ele, como se fosse a única cliente em quem o seu poder não funcionava. Não funcionava, e eu sabia porquê. Era porque as outras mulheres viam os sapatos como tributo à sua vaidade, enquanto a mãe os adorava como coisas belas.

Christian, contudo, ainda não tinha chegado a essa conclusão, por isso tinha a abordagem errada em todas as nossas visitas.

— Veja, *madame* — disse ele, apresentando-lhe uns chinelos adornados com uma fivela. — Todas as mulheres que passam por aquela porta fraquejam à mera visão desta nova e requintada criação, e apenas a Madame de la Serre tem tornozelos suficientemente belos para lhes fazer justiça.

— São demasiado frívolos, Christian. — A minha mãe sorriu-lhe e, com um gesto imperial da mão, apontou para outras prateleiras mais além. Olhei para o jovem lojista que me devolveu um olhar indecifrável e prosseguiu.

Ela escolheu decididamente. Escolheu com uma certeza que deixou Christian aturdido. Eu, sua constante companheira, via a diferença nela quando comprava sapatos. Uma leveza. Um sorriso brilhou na minha direção enquanto ela calçava outro sapato e admirava os seus lindos tornozelos no espelho ao som dos arquejos e dos balidos de Christian — cada sapato uma obra de arte em construção, onde o pé da minha mãe era o retoque final.

Escolhemos, a mãe tratou do pagamento e da entrega, e depois partimos, com Christian a levar-nos até à rua onde...

Não havia sinal do nosso cocheiro, o Jean. Não havia um sinal da carruagem sequer.

— *Madame?* — disse Christian, com a face enrugada pela preocupação. Senti que ela se retesava, vi o queixo empinar-se enquanto os seus olhos examinavam a rua à nossa volta.

— Não há razão para preocupações, Christian — assegurou calmamente. — A nossa carruagem está um pouco atrasada, é tudo. Vamos desfrutar das vistas e dos sons de Paris enquanto aguardamos que aqui regresse.

Começava a escurecer e o ar estava fresco, o que se adensou com a chegada do nevoeiro ao cair da noite.

— Isso está fora de questão, *madame*, não podeis esperar na rua — disse um horrorizado Christian.

Ela olhou para ele, com um sorriso velado.

— Para proteger a minha sensibilidade, Christian?

— É perigoso — protestou ele, e inclinou-se para a frente com a face distorcida numa expressão ligeiramente enojada, murmurando —, e as *personas*.

— Sim, Christian — disse ela, como se lhe estivesse a contar um segredo —, são só pessoas. Agora regressa à loja, por favor. A tua próxima cliente dá tanto valor ao tempo exclusivo do mais atencioso vendedor de sapatos de Paris como eu, e sem dúvida que ficaria desgostosa por ter de partilhar o seu tempo com duas senhoras à espera do seu negligente cocheiro.

Sabendo que a minha mãe raramente mudava de opinião e sabendo também que ela tinha razão acerca da cliente seguinte, Christian fez uma vénia em concordância, despediu-se de nós com um *au revoir* e retornou à loja, deixando-nos sozinhas na rua, onde as tendas estavam a ser desmontadas e as pessoas se dissolviam em formas que se moviam no nevoeiro lúgubre.

Segurei a mão dela com força.

— Mamã?

— Não te preocupes, Élise — disse, erguendo o queixo. — Vamos alugar uma carruagem para nos levar de volta a Versalhes.

— Não voltamos para a moradia de Paris, mamã?

— Não — disse ela, pensativa e mordendo o lábio. — Acho que é melhor regressarmos a Versalhes.

Estava tensa e vigilante enquanto nos conduzia pela rua, visivelmente deslocadas com as nossas saias longas e toucas. Tirou um estojo da bolsa para compor a maquilhagem e parámos para ver a montra de uma loja.

Ainda assim, enquanto andávamos, ela aproveitou a oportunidade para me ensinar.

— Mantém-te impassível, Élise. Não reveles os teus sentimentos verdadeiros, especialmente se estiveres nervosa. Não demonstres pressa. Mantém uma aparência calma. Mantém o controlo.

A multidão desvanecia-se.

— Na praça haverá carruagens para alugar, e estaremos lá dentro de alguns momentos. Primeiro, no entanto, há algo que tenho de te dizer.

Quando to disser, não deves reagir, não deves virar a cabeça para olhar. Compreendes?

— Sim, mamã.

— Ainda bem. Estamos a ser seguidas. Desde que saímos do Christian. Um homem de cartola alta e uma capa.

— Porquê? Porque nos segue esse homem?

— Essa, Élise, é uma pergunta muito boa, e pretendo descobrir a resposta. Continua a andar. — Parámos para ver outra montra. — Penso que a nossa sombra desapareceu — disse a mãe, pensativa.

— Então isso é bom — respondi, com toda a ingenuidade de uma rapariguinha de oito anos. Ela não aparentava estar preocupada.

— Não, querida, não é bom. Gostava que estivesse onde eu o pudesse ver. Agora tenho de me perguntar se ele realmente se foi embora ou, como parece ser mais provável, se adiantou a nós para nos interceptar antes de alcançarmos a praça. Ele espera que tomemos a estrada principal. Vamos ser mais espertas do que ele, Élise, e tomar uma via alternativa.

Saímos da rua com ela a segurar-me na mão, primeiro para uma via mais estreita, depois para um longo beco quase mergulhado na escuridão, a não ser pelas lanternas que ocupavam cada uma das extremidades.

Estávamos a meio caminho quando uma figura saiu do nevoeiro na nossa direção. A névoa dispersada ondulava pelas paredes de ambos os lados do beco.

Aí percebi que a mãe tinha cometido um erro.

iv.

Tinha uma face angulosa enquadrada por um tufo de cabelo quase totalmente branco e parecia um médico elegante mas desleixado, com a sua longa capa negra e uma cartola alta e gasta, destacando-se a gola de uma camisa pelo colarinho.

Transportava uma mala de médico que colocou no chão e abriu com uma mão, sempre sem tirar os olhos de cima de nós, retirando algo comprido e curvo lá de dentro.

Depois sorriu e sacou o punhal da bainha, e este brilhava viciosamente na escuridão.

— Mantém-te junto a mim, Élise — sussurrou a mãe. — Vai tudo correr bem.

Acreditei nela porque tinha oito anos e uma menina de oito anos

acredita na mãe. Mas também porque a tinha visto lidar com o lobo, o que me dava uma boa razão para acreditar nela.

Ainda assim, o medo corroía-me por dentro.

— Em que posso ajudá-lo, *monsieur*? — disse ela, neutralmente.

Ele não respondeu.

— Muito bem. Então teremos de regressar por onde viemos — disse a mãe em voz alta, pegando na minha mão para partirmos.

Uma sombra agitou-se e surgiu uma segunda figura à entrada da rua, sob o brilho alaranjado da lanterna. Era um lanterneiro; era perceptível devido à vara que trazia. Ainda assim, a mãe parou.

— *Monsieur* — chamou cautelosamente. — Posso pedir-lhe que afaste este cavalheiro que nos está a assediar?

O lanterneiro nada disse, dirigindo-se antes à candeia que ardia e erguendo a vara. A mãe começou a falar.

— *Monsieur*...

Perguntei-me por que razão estaria o homem a acender uma candeia que já estava acesa e apercebi-me tarde de mais que a vara tinha um gancho na extremidade, usado para extinguir a chama que ardia lá dentro.

— *Monsieur*...

A entrada ficou mergulhada na escuridão. Ouvimo-lo largar a vara com um tinido, e quando os nossos olhos se ajustaram à escuridão, vimo-lo colocar a mão no casaco e retirar algo de lá. Outro punhal. Também ele avançou um passo.

O olhar da mãe desviou-se do lanterneiro para o médico.

— O que deseja, senhor? — perguntou ao médico.

O médico ergueu o outro braço em resposta. Um som deslizante fez surgir uma segunda lâmina do seu pulso.

— Assassino — disse ela, com um sorriso, enquanto ele investia.

O lanterneiro também se aproximou o suficiente para que fosse visível a expressão retesada da sua boca e os olhos estreitados. A mãe rodou o pescoço na outra direção e viu o médico com as duas lâminas junto aos flancos. Ele sorria. Estava a gostar disto — ou a tentar parecer gostar.

De qualquer modo, a mãe estava tão imune à sua malevolência como aos encantos do Christian, e a sua jogada seguinte foi tão graciosa como um passo de dança. Os saltos ressoaram na pedra e ela esticou uma perna, curvou-se e sacou de uma faca da bota, tudo num abrir e fechar de olhos.

Há um segundo era uma mulher indefesa com a filha presa num beco

escuro, agora já não: era uma mulher a brandir uma faca para defender a sua filha. Uma mulher que, pela maneira como sacara da arma e se posicionava, sabia exatamente o que fazer com aquela faca.

O médico franziu o sobrolho. O lanterneiro estacou. Ambos pararam para pensar.

Ela segurava a faca na sua mão direita, e eu sabia que algo estava errado porque ela era canhota, e virava o ombro ao médico.

O médico avançou. Simultaneamente, a mãe mudou a faca para a mão esquerda, as saias agitando-se enquanto mergulhava com a mão direita esticada para manter o equilíbrio e a esquerda cortando a dianteira do médico, cuja casaca se abriu como se tivesse sido cortada por um alfaiate, encharcando instantaneamente o tecido de sangue.

Tinha sofrido um corte mas não era um ferimento grave. Os olhos esbugalharam-se enquanto recuava, evidentemente surpreendido pela perícia do ataque da mãe. Apesar da aparência sinistra, parecia amedrontado, e eu também senti algo além do meu próprio medo: orgulho e admiração. Nunca me tinha sentido tão protegida.

Ainda assim, ainda que tivesse hesitado, manteve a posição, olhando para as nossas costas, e a mãe virou-se tarde de mais para evitar que o lanterneiro me agarrasse por trás, estrangulando-me com um braço.

— Larga a faca, senão... — começou a dizer o lanterneiro.

Mas não terminou a frase, pois meio segundo depois estava morto.

A velocidade dela apanhou-o de surpresa — não apenas a velocidade dos seus movimentos, mas também da sua decisão, pois se ela permitisse que o lanterneiro me fizesse refém, tudo estaria perdido. E isso deu-lhe a vantagem quando se atirou para a frente, encontrando um espaço entre o meu corpo e o dele, mergulhando o cotovelo na garganta dele com um grito.

Ele emitiu um som crocitante e eu senti o seu aperto a ceder, depois vi o brilho de uma lâmina quando a mãe aproveitou a sua vantagem e fez a lâmina no seu sapato penetrar no estômago dele, empurrando-o contra a parede da rua e arrastando a lâmina para cima com um curto gemido de esforço, e depois afastando-se astutamente enquanto a camisa dele se tingia de sangue e inchava com as suas entranhas que caíam enquanto ele deslizava para o chão.

A mãe compôs-se para enfrentar um segundo ataque do médico, mas tudo o que vimos foi a sua capa enquanto se virava e fugia pela estreita passagem para a rua.

Ela segurou-me pelo braço.

— Vamos, Élise, antes que sujes os sapatos de sangue.

v.

Havia sangue no casaco da mãe. Além disso, não havia qualquer outro sinal de que tinha estado a lutar recentemente.

Não tardou muito para que fossem enviadas mensagens logo que chegámos a casa e os Corvos surgiram com um grande estardalhaço das suas bengalas, bufando mal-humorados, falando acerca de punir “os responsáveis”. Entretanto, a criadagem andava num rebuliço, com as mãos em frente à boca, silenciando os mexericos nos recantos. O pai empalidecia, e eu reparava que parecia ávido por nos abraçar um pouco mais forte e longamente, apartando-se de nós com os olhos marejados de lágrimas.

Só a mãe parecia imperturbável. Tinha a pose e a autoridade da mais pura legitimidade. E com toda a razão. Graças a ela, tínhamos sobrevivido ao ataque. Será que se sentia tão arrebatada quanto eu?

Tinha-me avisado, na viagem de regresso ao *château* na carruagem alugada, de que me seria pedido que contasse a minha versão dos eventos. No que a isso dizia respeito, devia seguir as suas palavras, confirmando tudo o que ela dizia, não a contradizendo.

Então ouvi enquanto contava versões da sua história, primeiro ao Olivier, o mordomo-mor, depois ao meu pai quando chegou, e depois aos Corvos quando surgiram de rompante. Embora as suas histórias adquirissem um grande detalhe quando contadas, ela respondia a todas as perguntas, omitindo sempre um pormenor muito importante. O médico.

— Não viu qualquer lâmina oculta? — perguntaram-lhe.

— Nada vi que identificasse os meus atacantes como Assassinos — respondeu —, por isso não posso partir do princípio de que se tratou do trabalho de Assassinos.

— Os ladrões de rua comuns não são tão organizados como este homem pareceu ser. Não pode ser mera coincidência que a sua carruagem tivesse desaparecido. Talvez o Jean surja por aí bêbedo, mas pode ser que não. Talvez surja por aí morto. Não, *madame*, não há quaisquer indícios de que este tenha sido um crime de oportunidade. Foi um ataque pessoal à sua pessoa, um ato de agressão por parte dos seus inimigos.

Os olhares viraram-se para mim. Eventualmente, foi-me pedido que

saísse da divisão, o que fiz, sentando-me no corredor, ouvindo as vozes na câmara enquanto ressoavam no piso de mármore até aos meus ouvidos.

— Grão-Mestre, tendes de concluir que isto foi um trabalho dos Assassinos.

(Aos meus ouvidos, a expressão fez-me pensar, “é claro que foi um trabalho de assassinos, idiota. Ou pelo menos aspirantes a assassinos.”)

— Tal como a minha mulher, prefiro não tirar conclusões precipitadas — retorquiu o pai.

— Ainda assim, destacastes mais guardas.

— Claro que sim, homem. A cautela nunca é de mais.

— Acho que bem no fundo do vosso coração o sabeis, Grão-Mestre.

A voz do meu pai elevou-se.

— E se assim for? O que queres que faça?

— Ora, atuar de imediato, claro.

— E essa ação seria para vingar a honra da minha mulher ou para depor o rei?

— Qualquer uma enviaria uma mensagem aos nossos adversários.

Mais tarde, chegou a notícia de que o Jean tinha sido encontrado degolado. Senti frio, como se alguém tivesse aberto uma janela. Não tremia só por Jean, vergonhosamente, mas também por mim. E observei e ouvi o choque que se abateu sobre a casa e as lágrimas que vinham do andar de baixo, com as vozes dos Corvos mais uma vez alteradas, desta vez pedindo vingança.

Foram mais uma vez silenciados pelo pai. Quando olhei pela janela, vi homens com mosquetes no pátio. À nossa volta, toda a gente estava nervosa. O pai vinha constantemente abraçar-me, até que me fartei e comecei a esquivar-me.

vi.

— Élise, há algo que precisamos de te dizer.

É este o momento que tens vindo a aguardar, caro leitor deste diário, sejas quem fores — a altura em que o véu caiu; quando finalmente compreendi porque me tinha sido pedido para manter tantas *vérités cachées*; quando descobri porque os associados do meu pai o tratavam por Grão-Mestre; quando entendi o que queriam dizer com “Templário” e porque era “Assassino” e não “assassino”.

Fui chamada ao escritório do meu pai e foram pedidas mais cadeiras

para serem reunidas junto ao fogo antes de ser ordenado a toda a criada-gem que se retirasse. O pai ficou de pé enquanto a mãe estava sentada de frente para mim, com as mãos nos joelhos, confortando-me com o olhar. Lembrei-me de uma altura em que tinha uma lasca e a mãe me segurara e confortara enquanto o pai me pegava no dedo e a retirava.

— Élise — começou ele —, o que te vamos dizer era para ser dito apenas quando fizesses dez anos. Mas os eventos de hoje levantaram sem dúvida muitas questões na tua cabeça, e a tua mãe acredita que estás pronta para ouvir, por isso... Aqui estamos.

Olhei para a mãe, que me pegou na mão e me cobriu com um sorriso reconfortante.

O pai clareou a garganta.

Era agora. Quaisquer ideias preconcebidas que tivesse acerca do meu futuro iriam mudar.

— Élise — disse ele —, um dia vais tornar-te a líder francesa de uma Ordem internacional secreta que existe há séculos. Tu, Élise de la Serre, serás uma Grã-Mestre Templária.

— Grã-Mestre Templária? — perguntei, olhando do pai para a mãe.

— Sim.

— De França?

— Sim. De momento, sou eu que ocupo esse cargo. A tua mãe também está nas altas patentes da Ordem. Os cavaleiros e a Madame Levesque que nos visitam também são cavaleiros da Ordem e, tal como nós, estão empenhados em defender os seus princípios.

Eu ouvia, não percebendo verdadeiramente mas perguntando-me por que razão, se todos estes cavaleiros estavam empenhados na mesma missão, passavam todas as reuniões aos gritos uns com os outros.

— O que são Templários? — perguntei em vez disso.

O meu pai apontou para ele, para a mãe, e estendeu a mão para me incluir no círculo.

— Somos nós. Nós somos Templários. Comprometemo-nos em tornar o mundo um lugar melhor.

Gostei do modo como aquilo soava. Gostava da ideia de tornar o mundo um lugar melhor.

— Como fazemos isso, papá?

Ele sorriu.

— Ah, essa é uma pergunta muito boa, Élise. Como qualquer outra

grande organização ancestral, há opiniões diferentes para melhor alcançar os nossos objetivos. Há aqueles que pensam que nos devíamos opor violentamente aos nossos adversários. Outros acreditam que devíamos disseminar a nossa ideologia pacificamente.

— E que ideologia é essa, papá?

Ele encolheu os ombros.

— O nosso lema é “Que o pai do conhecimento nos guie”. O que nós, Templários, sabemos é que, apesar de alegações em contrário, as pessoas não querem a verdadeira liberdade e a verdadeira responsabilidade porque estas coisas são um fardo pesado para se suportar, e apenas as mentes mais fortes o conseguem fazer. Acreditamos que as pessoas são boas mas facilmente levadas à malvez, à preguiça e à corrupção, pelo que precisam de bons líderes para seguir, líderes que não exponham os seus defeitos mas que celebrem as qualidades. Acreditamos que a paz pode ser mantida deste modo.

Conseguia literalmente sentir os meus horizontes a expandirem-se enquanto ele falava.

— Esperais orientar o povo de França desse modo, pai? — perguntei.

— Sim, Élise, esperamos.

— Como?

— Bom, deixa-me perguntar-te... Como é que achas que o faremos?

Fiquei sem palavras. O que eu achava? Pareceu-me a pergunta mais difícil que alguma vez me haviam feito. Não fazia ideia. Ele olhou para mim carinhosamente mas, ainda assim, eu sabia que ele esperava uma resposta. Olhei para a mãe, que me apertava a mão para me encorajar, implorando-me com o olhar, e eu encontrei as minhas crenças nas palavras que a ouvira trocar com o Sr. Weatherall e com a Sra. Carroll. E disse:

— *Monsieur*, penso que o nosso monarca atual está corrompido além de qualquer redenção e o seu reinado envenenou o poço francês, pelo que, de forma a restaurar a fé do povo na monarquia, o rei Luís deve ser deposto.

A minha resposta apanhou-o de surpresa e ele pareceu sobressaltado, pelo que olhou de modo enigmático para a mãe, que encolheu os ombros como se dissesse “não tenho nada a ver com isso”, mesmo sendo as palavras dela que eu papagueava.

— Estou a ver — disse ele. — Bom, a tua mãe está decerto agradada por ouvir que é essa a tua perspectiva, Élise, pois neste particular não estamos totalmente de acordo. Da minha parte, sei que o monarca é designado por

Deus e acredito que um monarca corrupto pode ser persuadido a ver os erros nos seus atos.

Passei rapidamente à frente com outro olhar enigmático e um encolher de ombros.

— Há outros Templários, papá?

Ele anuiu com um aceno.

— Sim, pelo mundo fora. Há aqueles que servem a Ordem. Aqueles que são coniventes com os nossos objetivos. Todavia, como tu e a tua mãe descobriram hoje, também temos inimigos. Tal como nós somos uma Ordem antiga que pretende moldar o mundo à nossa imagem, também há uma outra Ordem que se nos opõe, com muitos aderentes sensíveis aos próprios objetivos. Enquanto nós procuramos retirar o peso da responsabilidade da escolha e ser os guardiões das pessoas de bem, esta Ordem opositora convida ao caos e aposta na anarquia, insistindo que o homem deve pensar por si próprio. Defendem o abandono do pensamento tradicional que tanto fez para orientar a humanidade ao longo de milhares de anos em prol de um tipo diferente de liberdade. São conhecidos por Assassinos. Acreditamos que foram Assassinos que vos atacaram hoje.

— Mas, *monsieur*, ouvi-vos dizer que não tínheis a certeza...

— Disse isso apenas para apaziguar a guerra; alguns dos nossos membros mais vocalizadores da nossa Ordem parecem sedentos dela. Só podem ter sido Assassinos a atacar-vos, Élise. Só eles seriam ousados ao ponto de matar o Jean e enviar alguém para matar a esposa do Grão-Mestre. Não há dúvida de que pretendem destabilizar-nos. Nesta ocasião, falharam. Temos de nos assegurar de que, se tentarem novamente, vão falhar novamente.

Eu anuí em compreensão.

— Sim, pai.

Ele olhou de relance para a mãe.

— Julgo que as ações defensivas da tua mãe tenham surgido como uma surpresa para ti?

Não tinham. Aquele encontro “secreto” com o lobo tratara disso.

— Sim, senhor — disse eu, olhando de soslaio para a mãe.

— São técnicas que todos os Templários devem dominar. Um dia, vais liderar-nos. Mas primeiro deves ser iniciada como Templária e antes disso terás de aprender os princípios da nossa Ordem. A partir de amanhã começarás a aprender técnicas de combate.

Eu e a mãe entreolhámo-nos novamente. Eu já tinha começado a aprender técnicas de combate há quase um ano.

— Compreendo que isto possa ser demasiada informação para absorver, Élise — prosseguiu o pai, enquanto a mãe corava ligeiramente. — Talvez encarasses a tua vida como similar à das outras raparigas da tua idade. Só posso esperar que o facto de ser tão diferente não constitua uma fonte de ansiedade para ti. Só posso esperar que compreendas o potencial que tens para cumprir o teu destino.

Sempre tinha pensado que não era como as outras raparigas. Agora sabia de certeza.

vii.

Na manhã seguinte a Ruth vestiu-me para um passeio pela propriedade. Resmungava, suspirava e resmoneava entre dentes que eu não deveria estar a correr tantos riscos depois do que sucedera no dia anterior, como tínhamos escapado por pouco ao homem malvado que nos tinha atacado; e como a mãe e eu podíamos estar mortas numa valeta se não fosse o cavaleiro misterioso que, passando por perto, vira o ladrão.

Então fora isso que tinham contado à criadagem. Muitas mentiras, muitos segredos. Estava entusiasmada por ser apenas uma de duas pessoas — quero dizer, três, se contarmos com o médico — que sabia a verdade sobre o que acontecera no dia anterior, que a mãe tinha lidado com o ataque, e não um homem misterioso, e uma das poucas que sabia qual era o negócio de família e que tinha um papel a desempenhar no mesmo.

Tinha acordado naquela manhã com sol na minha vida. Por fim todas aquelas *vérités cachées* que tinha guardado faziam sentido. Por fim sabia por que razão a nossa família parecia ser tão diferente das demais, porque eu nunca me tinha dado com as outras crianças. Era porque o meu destino era diferente do delas, sempre tinha sido. E havia melhor.

— A tua mãe será a tua tutora em todas as coisas — disse o pai, sorrindo calorosamente para a mãe, que por sua vez se virou para refletir o amor dele para mim. Corrigiu-se com um sorriso. — Bom, talvez não em todas as coisas. Talvez em termos de ideologia seja mais aconselhável ouvires as palavras do teu pai, o Grão-Mestre.

— François — repreendeu a mãe —, a criança sabe decidir por si própria. As conclusões a que chegar serão a que a orientarão.

— Meu amor, porque é que tenho a distinta impressão de que os

eventos de hoje não tenham sido a surpresa que seria de esperar para a Élise?

— O que pensas que nós, as senhoras, falamos nas nossas deambulações, François?

— De sapatos?

— Bom, sim — concedeu ela —, de facto falamos de sapatos, mas o que mais?

Ele percebeu e confirmou com a cabeça, perguntando-se como tinha sido tão cego em relação àquilo que se passava mesmo debaixo do seu nariz.

— Ela já sabia acerca da Ordem antes do dia de hoje? — perguntou.

— Não inteiramente — respondeu ela —, embora se possa dizer que estava preparada para a revelação.

— E quanto a armas?

— Sim, ela tem tido algum treino.

O pai fez-me sinal para que me levantasse.

— Vamos ver se aprendeste o teu *en garde*, Élise — disse, adotando a posição, com o braço direito esticado e o dedo indicador a servir de lâmina.

Fiz como me pediu. O pai mostrou-se impressionado e estudou a minha postura, rodeando-me enquanto eu me banhava na radiância da sua aprovação.

— Destra, como o pai — gracejou —, e não canhota como a mãe.

Equilibrei-me fletindo ligeiramente os joelhos e o meu pai voltou a sorrir.

— Será que deteto a mão de um certo inglês no treino da nossa filha, Julie?

— O Sr. Weatherall tem estado a ajudar-me com a ocupação das horas extracurriculares — confirmou ela alegremente.

— Estou a ver. Bem me parecia que estava a vê-lo mais do que o habitual aqui no *château*. Ele ainda tem um fraquinho por ti?

— François, estás a embarçar-me — provocou a mãe.

(Na altura, não fazia ideia do que estavam a falar. Mas agora vejo-o. O Sr. Weatherall desfeito naquela noite; agora vejo-o claramente.)

O pai assumiu uma expressão séria.

— Julie, sabes que confio em ti em tudo; se tens estado a ensinar a criança, também te apoio nisso, e se tal ajudou a que Élise mantivesse a cabeça fria durante o ataque de ontem, então foi mais do que justificado. Mas a Élise será Grã-Mestre um dia. Seguirá as minhas passadas. Em questões

de combate e tática ela poderá ser a tua protegida, Julie, mas em termos de ideologia será minha. Entendes?

— Sim, François. — A mãe sorriu docemente. — Entendo.

Eu e a mãe entreolhámo-nos de soslaio. Uma *vérité cachée* que não precisava de palavras.

viii.

E assim, tendo escapado à preocupação desnecessária da Ruth, cheguei à sala de entrada preparada para o meu passeio com a mãe.

— Leva contigo o *Scratch* e os guardas, por favor, Julie — disse o pai num tom de voz incontestável.

— Claro — disse ela, apontando para um dos homens encoberto nas sombras da sala de entrada. A nossa casa parecia, de repente, um tudo-nada mais apinhada.

Ele avançou. Era o Sr. Weatherall. Ele e o pai mediram-se cuidadosamente por um segundo, antes de o Sr. Weatherall fazer uma *vénia* pronunciada e ambos apertarem as mãos.

— O François e eu dissemos à Élise o que o futuro lhe reserva — disse a minha mãe.

O olhar do Sr. Weatherall deslizou do meu pai para mim e ele assentiu antes de fazer uma nova *vénia*, produzindo a palma da mão para beijar o dorso da minha, fazendo-me sentir como uma princesa.

— E como é que isso te faz sentir, jovem Élise, saber que um dia serás líder dos Templários?

— Muito grandiosa, *monsieur* — disse eu.

— Aposto que sim — retorquiu ele.

— O François adivinhou que a Élise tem vindo a receber algum treino — disse a mãe.

O Sr. Weatherall virou a sua atenção de volta para o pai.

— Claro — disse ele —, e espero que a minha tutela não tenha ofendido o Grão-Mestre?

— Como expliquei ontem à noite, confio implicitamente na minha mulher no que a esses assuntos diz respeito. Sei que consigo, Freddie, estão em boas mãos.

Nessa altura, o Olivier aproximou-se, mantendo-se à distância até que lhe foi permitido que avançasse para sussurrar ao ouvido do seu mestre. O pai assentiu e dirigiu-se à mãe.

— Tenho de sair, querida — disse o pai —, os nossos “amigos” estão aqui para nos visitar.

Os Corvos, claro. Tinham regressado para uma berraria matinal. É engraçado como este novo conhecimento fazia com que visse o meu pai a uma nova luz. Já não era apenas o meu pai. Não era o marido da minha mãe. Era um homem ocupado. Um homem com responsabilidades, cuja atenção era sempre requisitada. Um homem cujas decisões mudavam vidas. Os Corvos estavam a entrar enquanto saíamos; saudaram educadamente a mãe e o Sr. Weatherall e entraram na sala de entrada, que ficou subitamente muito atarefada e avivada por conversas acerca da vingança pelo ataque do dia anterior e de nos assegurarmos de que o Jean não tinha morrido em vão.

Eventualmente, saímos os três e caminhámos um pouco antes de o Sr. Weatherall começar a falar.

— Então, Élise, como te sentes na realidade, sabendo o teu destino? — perguntou.

— É como disse ao meu pai — respondi-lhe.

— Então não estás de todo apreensiva, florzinha? Com tanta responsabilidade que se avizinha?

— O Sr. Weatherall acha que és demasiado jovem para saber acerca do teu destino — explicou a mãe.

— De todo, estou ansiosa por descobrir o que o futuro me reserva, *monsieur* — repliquei.

Ele concordou com um aceno, como se isso fosse razão suficiente para ele.

— E gostaria de praticar mais o treino com a espada, *monsieur* — acrescentei. — Agora sem segredos.

— Exatamente! Vamos trabalhar na tua resposta e no teu envolvimento para que possas mostrar a tua perícia ao teu pai. Julgo que ficará surpreendido ao ver a espadachim em que te tornaste, Élise. Talvez um dia te tornes melhor do que a tua mãe ou o teu pai...

— Oh, tenho dúvidas quanto a isso.

— Freddie, não ponhas ideias esquisitas na cabeça da miúda, por favor — a mãe deu-me uma cotovelada e sussurrou —, embora eu pense que ele talvez tenha razão, Élise, só aqui entre nós.

O Sr. Weatherall assumiu uma expressão séria.

— E agora vamos falar sobre o que se passou ontem?

— Foi um atentado contra as nossas vidas.

— Só desejava ter lá estado.

— Não fez diferença que não estivesses, Freddie. Permanecemos ilesas e pouco ou nada traumatizadas pelo incidente. A Élise portou-se perfeitamente e...

— Foste a lionesa protegendo a cria, certo?

— Fiz o que tinha a fazer. Só é lamentável o facto de um dos homens ter escapado.

O Sr. Weatherall estacou.

— Um dos homens? Havia mais do que um?

Ela olhou intensamente para ele.

— Oh, sim. Havia outro, o mais perigoso dos dois. Usava uma lâmina oculta.

A face dele expressava a sua admiração.

— Então sempre foi um trabalho dos Assassinos.

— Tenho as minhas dúvidas.

— Ai é? Porquê?

— Ele fugiu, Freddie. Já conhecestes algum Assassino que tenha fugido?

— São apenas seres humanos e tu és um adversário formidável. Julgo que eu próprio estaria tentado a fugir se estivesse no lugar dele. És um demónio com essa faca no sapato. — Piscou-me o olho.

A mãe ruborizou-se.

— Podes estar certo que a tua lisonja é apreciada, Freddie. Mas havia algo de errado neste homem. Todo ele era espalhafato. Era um Assassino, a lâmina oculta provava-o. Mas interrogo-me se seria um verdadeiro Assassino.

— Temos de o encontrar e perguntar-lhe.

— Sim, de facto.

— Diz-me, qual era a sua aparência?

A mãe descreveu o médico.

— E havia outra coisa.

— Sim?

Ela levou-nos até às sebes. Na noite anterior tinha surripiado a mala do médico no beco e tinha-a trazido connosco na carruagem. Quando regressámos ao *château*, tinha-me pedido urgentemente que a escondesse e agora entregava-a ao Sr. Weatherall.

— Ele deixou isto para trás?

— Sim. Usava-a para transportar uma lâmina mas não tem nada lá dentro.

— Nada que o identifique?

— Há uma coisa... Abre-a. Estás a ver a etiqueta?

— A mala foi feita em Inglaterra — disse o Sr. Weatherall, surpreendido. — Um Assassino inglês?

A mãe concordou com um aceno.

— É possível. É muito possível. Não achas que os ingleses me possam querer matar? Fui clara quando disse à Sra. Carroll que favorecia uma mudança na monarquia.

— Mas também que te opões ao derramamento de sangue.

— É verdade. E a Sra. Carroll pareceu pensar que isso seria o suficiente para a sua Ordem. Ou talvez não.

O Sr. Weatherall meneou a cabeça negativamente.

— Não estou convencido. Quero dizer, pondo de lado a lealdade ao meu país, não consigo ver o que têm a ganhar com isto. Eles veem-te como uma influência moderadora na Ordem geral. Matar-te arriscaria a que a situação se destabilizasse.

— Talvez seja um risco que estão dispostos a correr. Seja como for, a mala inglesa é a única pista que temos relativamente à identidade do Assassino.

O Sr. Weatherall fez um gesto em concordância.

— Vamos encontrá-lo — disse ele. — Podes estar certa disso.

Isso, claro, tinha sido há três anos. E não houve qualquer sinal do médico desde então. O atentado às nossas vidas desvaneceu-se na história, como os miseráveis engolidos pelo nevoeiro parisiense.